

Um labirinto chamado hipertexto

Luciene Pinheiro de Souza

Introdução

Diante da necessidade que tem de expressar seus pensamentos, o homem criou vários meios, desde a escrita até o computador, para se comunicar.

À medida que o tempo evolui, o homem descortina novos horizontes, explora territórios desconhecidos. A interação e a descoberta são eternas aliadas que impulsionam o homem a estar constantemente num devir, cujas transformações criam novas culturas e modificam as formas de produção e apropriação dos saberes. Noções como interface, interatividade, hipertexto, hipermídia, virtual, ciberespaço, cibercultura parecem indicar não apenas uma redefinição do papel dos meios de comunicação no contexto histórico e cultural da humanidade, mas um novo direcionamento das relações do homem com tudo que cria, da palavra como ordenação do pensamento ao moderno e sofisticado computador. Passamos de um mundo onde as interações eram concebidas como sendo sempre interações lineares para um mundo de interações não-lineares. Daí a concepção de mundo, hoje, ser dinâmica e flutuante.

Ao metaforizar o hipertexto como um labirinto, pretende-se mostrar a sua complexidade e o perigo que ele pode representar para um leitor desatento. A mitologia nos conta que Atenas tinha que pagar um tributo anual a Creta, entregando sete rapazes e sete moças para servirem de alimento a um insaciável Minotauro, que vivia num labirinto constituído de salas e passagens intrincadas do palácio de Knossos. Teseu, um herói ateniense, se oferece para ser incluído entre os rapazes que seriam sacrificados. Ao chegar a Creta, encontra-se com Ariadne, filha do rei Minos. Apaixonada, consegue a planta do labirinto e a entrega a Teseu junto com um novelo a ser desenrolado, à medida que entrasse no labirinto, e conhecendo assim o caminho de volta. Teseu entrou, matou o Minotauro conseguiu voltar graças ao fio de Ariadne.

Conforme nosso conhecimento de mundo, sabemos que labirinto não tem saída, a menos que encontremos o fio que nos conduza por seus meandros. Assim é o hipertexto, uma linguagem nascente que requer reflexão para que consigamos encontrar saídas sem nos perdermos em críticas ou em deslumbramentos, mapeando suas possibilidades e limitações.

O hipertexto é uma nova forma de leitura e de escrita mais próxima do osso esquema mental. É uma escrituração não-linear e não-seqüencial, que se ramifica e permite ao leitor

virtual o acesso praticamente ilimitado outros textos, bem como faz do leitor um co-autor do texto, oferecendo-lhe possibilidades e caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema. O leitor interliga informações associativa e intuitivamente, assumindo um papel ativo.

A hipertextualidade é como uma nova porta que se vai abrindo. A cada link, surge uma nova porta, multiplicando-se. Uma palavra pode ser a porta para um outro capítulo, uma nota pode ser mais longa que o texto original, compondo um outro trabalho ou unidade. As palavras entram em ebulição e descobrimos um confluir de idéias que precisam ser reconstruídas pelo leitor formando assim novas idéias, construindo novos saberes, novas portas prontas para a criação de outras que já gritam pela sua existência. Segundo Marcuschi “[...] é um processo de leitura, escritura multilinearizado, multiseqüencial e não determinado, realizado em um novo espaço: o ciberespaço” (MARCUSCHI, 1999, p. 01).

Quando se refere ao hipertexto, faz-se, rapidamente, associação à cibercultura; no entanto, ele já se fazia presente de forma reprimida em textos impressos. Encontram-se alguns registros históricos, dessa estrutura narrativa, em obras na ciência, na literatura e na filosofia. Em diversas cronologias, a Bíblia é considerada o primeiro hipertexto de toda a história. Podem-se citar, também, como exemplo, as histórias de As mil e uma noites, verdadeiro caleidoscópio narrativo, obedecendo a uma estrutura em cadeia, com um eixo condutor do qual partem e ao qual voltam sucessivos episódios.

Um labirinto com características que parecem ora escravizar, ora libertar. Infinitas portas aguçam a curiosidade, cujo desejo de adentrar terras desconhecidas se torna uma constante na leitura hipertextual. São caminhos que podem fazer o leitor se libertar ou se perder, caso esteja ou não atento ao fio de Ariadne. Pode-se também levar em consideração que quando o leitor parece estar - se escravizando, na verdade, está-se libertando, afinal ele se torna um co-autor, um produtor de outros textos, de múltiplas possibilidades de sentido, Roger Chartier, historiador francês, mesmo diante da crença dos gregos de que o leitor é um escravo do texto, comenta que não se pode negar o fato de o leitor se tornar um produtor. À medida que lê um texto, outros novos textos são criados.

Hoje, surge uma nova modalidade de apropriação do texto. A hipertextualidade ganha impulso com o avanço da crescente ação dialógica entre o homem e a técnica, ela revela os limites e por isso mesmo, a falência do discurso tradicionalmente lógico, acabado, fechado em si. As infinitas possibilidades de conexões entre trechos de textos e textos inteiros favorecem a flexibilização das fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento humano. O texto que poderia escravizar, pela sua característica de subserviência, conforme os gregos, rompe

barreiras com o hipertexto, que possibilita a interatividade e a construção do conhecimento de forma crítica e autônoma.

Hipertexto: uma nova textualidade

Segundo Koch, entre as principais características com que o hipertexto tem sido apresentado, encontram-se: “não-linearidade, volatilidade, espacialidade topográfica, fragmentariedade, multissemiótica, interatividade e descentração” (KOCH, 2002, p. 64).

Segundo Ramal:

[...] o hipertexto contemporâneo é, de certo modo, uma versão da polifonia que Bakhtin buscava, e portanto, no espaço escolar, uma possibilidade para o diálogo entre as diferentes vozes, a negociação dos sentidos, a construção coletiva do pensamento, o dinamismo dialógico construído a partir de heterogeneidade, de alteridades, de multivalências, de descentramento. (RAMAL, 2002, p. 18) .

Isso constitui uma nova forma de textualidade que altera decisivamente o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor. O que caracteriza essa nova forma de textualidade é a rede mais ou menos aberta, em oposição à linha de um texto impresso. Em uma rede, os elos podem se ligar horizontal e verticalmente a todos os outros elos da rede, em uma estrutura marcada pela conectividade, pelo descentramento e pela dispersão. Em uma rede em permanente expansão, não se pode definir permanentemente um centro, mas apenas uma multiplicidade de centros possíveis, que podem ser percorridos de várias maneiras. Não se pode, ainda, definir um começo e um final.

“O hipertexto é, por natureza e essência, intertextual” (KOCH, 2002, p. 67). A leitura de um texto teria por objetivo, transformá-lo como se fosse constituído por “fragmentos, vozes de outros textos, outros códigos” (BARTHES, 1979, p. 12 apud BELLEI, 2002).

Essas mudanças não poderiam deixar de produzir um novo tipo de leitor e de autor. O texto impresso, em seu caráter linear, possui um ar autoritário por parte do autor, por ter em suas mãos o controle do objeto. De acordo com Bellei (2002), a dispersão da rede hipertextual, marcada pela instabilidade, constituiu uma nova forma de autor. Tornando-se o construtor mais de dispersões de sentido do que de sentidos definitivos, tende ele a tornar-se igualmente disperso e desprovido de uma voz clara e única capaz de identificá-lo. Essa dispersão produz um autor desprovido de ponto de vista e parcialmente desautorizado. E o leitor de um texto constituído por centros dispersos a serem conectados, ao escolher certas

conexões e rejeitar outras (reconstituindo apenas alguns dentre muitos sentidos possíveis), torna-se um autor de configurações de sentido em um sistema previamente programado. A reconstituição do objeto, por assim dizer, confirma-o como o autor que escreve a partir de sentidos virtuais preestabelecidos. Nesse contexto, o autor e o leitor podem ser pensados como colaboradores ativos, atuando em conjunto em uma máquina que possibilita fazer sentidos alternativos.

A internet pode ajudar a entender o que caracteriza o tipo de leitor ideal para o meio eletrônico. Trata-se de um leitor que, diante de um hipertexto na rede, vê-se diante de uma página que, muito embora possa, também, ser lida como se lê uma página qualquer em livro impresso, pode (e deve) ser lida, principalmente, como uma página em que cada unidade de significado tem a possibilidade de ser conectada a um número muito grande de outras unidades de sentido. O leitor navega, aqui, em um mar de sentidos dispersos, cujos limites não podem ser definidos ou mapeados, no sentido em que um livro é definido como unidade pelos limites de suas capas. A tarefa primeira do leitor de hipertextos na internet é a de justapor blocos de sentido, em uma atividade de bricolagem. É possível pensar esse leitor como marcado pela atenção dispersa, em contraste com o leitor do livro e de quem se exige a concentração máxima de atenção, necessária para a recomposição de um sentido total, normalmente em forma de uma narrativa. Mas é preciso um certo cuidado, aqui, para que se evite atribuir ao termo “atenção dispersa” um sentido puramente negativo ou pejorativo.

É esse sentido pejorativo que está implícito na sugestão de Birkerts (1994, p. 163-164. apud BELLEI, 2002) de que, na leitura do hipertexto em que o leitor está, por assim dizer, solto e livre para perseguir várias possibilidades de narrativas ou subnarrativas e para justapor elementos fotográficos ou, até mesmo, para escolher o seu próprio desfecho o que se tem é uma forma de “texturar” (texting) ou de pilotar palavras (word piloting), em vez da verdadeira leitura a ser obtida no meio impresso. É que o leitorbricoleur, de atenção dispersa, bem pode ser um leitor que pratica uma forma alternativa de leitura e obtém uma forma alternativa de conhecimento, mais interdisciplinar, híbrida e relacional. O hiperleitor pode ser, não um leitor inferior, como querem Birkerts e os defensores do livro impresso, mas um leitor diferente, talvez menos contemplativo em sua capacidade de reconstruir imaginariamente um sentido a partir dos constrangimentos da página impressa, mas nem só por isso um praticante de uma não-leitura. O outro lado do leitor contemplativo pode ser o que se poderia chamar leitor interdisciplinar e interativo.

Autor e leitor, numa navegação textual, deixam de lado suas identidades tradicionais e vestem uma roupagem nova: a de timoneiro do texto. Ambos são responsáveis pela

navegação, suas funções são redefinidas, perdendo a hierarquia tradicional do texto impresso em que o autor programa a narrativa, e o leitor obedece. Tal relação está fadada ao desaparecimento, surgindo um leitor que além de ler, escreve. Isso possibilita, fomenta a busca do saber, abrindo espaço para uma construção de conhecimento baseada na autonomia em que, com certeza, a qualidade da navegação dependerá, exclusivamente, da forma com que o timoneiro se comporta diante das múltiplas conexões, de mares antes nunca navegados por ele.

Bakhtin já anunciava, sem conhecer Internet, concepções que somente com o hipertexto se tornariam mais compreensíveis: a noção de que nunca há um único autor, e sim vários, a noção de um texto que não é jamais singular, e sim compartilhado.

Esse é um momento único em que a liberdade e das hierarquias rígidas e da tirania do pensamento preso às correntes da linearidade se torna possível. É claro que não se pode cair na ingenuidade, desprezando os limites da liberdade, haja vista estarmos no aprisionamento geométrico da rede. São muitas as elucubrações teóricas, essa redefinição de linguagem e textualidade partilhadas tanto por teóricos quanto por programadores apontam para a possibilidade de pensar o texto como rede de relacionamentos multilíneares, que não ocorrem da mesma maneira, em que o trajeto da história não coincide.

O leitor eletrônico tem essencialmente uma experiência espacial que, desprovida de centros, ocorre no eterno presente de possibilidades combinatórias de uma topografia. Esse tipo de leitor não lê e não conclui a sua leitura no tempo, o que faz é experimentar constantemente possibilidades narrativas alternativas em uma vasta dimensão espacial e em um eterno presente. A escrita eletrônica e topográfica torna possível ao leitor experimentar interativamente a realidade de um espaço descentrado, no qual ele pode perder-se na dispersão de possibilidades múltiplas e esquecer o tempo e a história. A questão, portanto, do mérito da interatividade do leitor eletrônico depende de uma cuidadosa avaliação do tipo de experiência que ela pode proporcionar.

É preciso que se acompanhem, as correlações que caracterizam o caminho da percepção e do entendimento humanos: é o contexto de cada um, suas vivências, seus conhecimentos anteriores, seu domínio de língua, sua sensibilidade para a criação artística, sua visão de mundo que encaminham a construção e o desenvolvimento de sua rede de conhecimentos. O conhecimento não se constrói em linha reta, mas por correlações. Pierre Lévy afirma que, no momento atual, a partir de uma nova configuração técnica, um novo estilo de humanidade está sendo inventado. Os heideggerianos podem estar certos ao insistir que toda tecnologia penetra aquele que usa e transforma o ser humano. Ele faz uma cadeira ou

um aparelho de televisão, mas no decorrer do tempo, a cadeira ou a televisão também produzem um ser humano diferente, mais sedentário ou mais habituado a ver o mundo da perspectiva da tela. É um martelo com extensão do braço ou da mão, acabando por alterar forças musculares e comportamentos.

Não há como negar os possíveis efeitos das novas tecnologias sobre o sujeito que as utiliza. Alguns teóricos afirmam que, de fato, elas constituem um novo sujeito, com novos hábitos e costumes, que alteram seu *modus vivendi*.

O usuário das novas tecnologias, não apenas as utiliza como um artefato, mas encontra-se exposto e imerso em um espaço virtual descentrado e programado para ser operado, mais em termos de conectividade máxima e de saltos descontínuos do que em termos de passos ou estágios seqüenciais. Esse espaço virtual é um vasto e incontrolável universo de dados que o usuário não apenas utiliza, mas pelo qual é utilizado no processo de imersão.

Diante desse quadro, percebe-se a potência tecnológica para a construção do conhecimento de forma autônoma, criativa e reflexiva. Por outro lado, essa construção pode vir a ser catastrófica se não se dispuser do fio de Ariadne para que, na busca do saber, não venha a se perder num labirinto cuja rota tem por objetivo a liberdade de acesso a uma cadeia infinita de informações e a múltiplas possibilidades de construção do conhecimento.

Assim como o fio de Ariadne representou a direção que levou Teseu a desbravar um território desconhecido sem perder o caminho de volta; a educação, por sua vez, representará um papel fundamental na formação desse novo sujeito. O labirinto que esconde e mostra, tornando-se sedutor e enganador, pode ser considerado uma armadilha.

A sociedade contemporânea requer um cidadão crítico-reflexivo com uma visão omnidimensional e habilidades adaptáveis a várias situações sócio comunicativas.

São características condizentes com a de um hiperleitor que tem que estar sempre atento às várias direções, às interconexões; enfim, à tomada de decisão certa na hora certa, à construção do saber de forma autônoma, aprendendo a aprender através de cada porta que se abre nessa rede imensa do ciberespaço. O hipertexto, graças a sua dimensão reticular, não-linear, favorece uma atitude exploratória, construtiva ou mesmo lúdica, face ao conteúdo a ser assimilado. Suas possibilidades interativas convidam à ação e à participação de quem aprende através dele, demandando ação interdisciplinar e trabalho cooperativo.

Considerações finais

Resta à escola traçar caminhos que viabilizem a atitude adequada mediante esse instrumento que pode ser valioso para a construção do saber e, por sua vez, para a construção de identidades. Só não pode desconsiderar o fato de que pode também ser catastrófico, criando sujeitos com pensamentos fragmentados, indefinidos, superficiais e alienados. Essa possibilidade se deve ao fato de que diante de um enorme leque de opções, o usuário pode se perder ou se cansar antes mesmo de começar a leitura, não ordenando o pensamento, nem tampouco produzindo-o.

Estamos vivendo um momento em que transformações na educação, quanto ao processo ensino-aprendizagem, já estão sendo viabilizadas. As novas tecnologias propiciam condições práticas para a formação do indivíduo de forma globalizada e eficaz.

E assim vai a humanidade, num constante devir, cujo destino tece com a esperança de um futuro promissor. A vida é como um labirinto cheio de Minotauros que devem ser vencidos. Num mundo paralelo do ciberespaço, o homem desafia os corredores do labirinto na sede de matar o Minotauro da ignorância e alcançar um tesouro tão valioso que pode salvar a humanidade: a sabedoria.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC; Florianópolis, SC: UFSC, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FILHO, Durval de Lara. O fio de Ariadne e a arquitetura da informação na www. *Revista de Ciência da Informação*, São Paulo: Datagramazero, v.4, n. 6, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

MAGDALENA, Beatriz Corso; COSTA, Iris Elisabeth Tempel. *Internet em sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RAMAL, Andréa Cecília. *Educação na cibercultura*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Campos dos Goytacazes, RJ: FAFIC, 2003.

SOUZA, Mauro Wilton de. *Novas linguagens*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.